

## DESAFIOS CORPO-E-CRIAÇÃO: PERCEPÇÕES SOBRE UM PROCESSO ETNOPERFORMATIVO DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19

JESSICA OLIVEIRA DE CARVALHO<sup>1</sup>; THIAGO DA SILVA AMORIM JESUS<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas<sup>1</sup> – j.ocarvalho@yahoo.com.br<sup>1</sup>

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas<sup>2</sup> – thiago.amorim@ufpel.edu.br<sup>2</sup>

### 1. ABRINDO OS TRABALHOS

Abro essa gira, essa roda, esse encontro, compartilhamento... pedindo licença aos Orixás, aos guias, aos meus ancestrais, aos mais velhos, aos meus iguais, às crianças, à minha criança.

*Quem rola as pedras é Xangô Kaô, Flecha de Oxóssi é certa. Oxalá é meu senhor, sete linhas de Umbanda, sete linhas pra vencer. Na lei de Oxalá, ninguém pode merecer: Tem Oxum na cachoeira, Iemanjá, deusa do mar, lansa pra defender, Pai Ogum pra batalhar. (autor desconhecido)*

Não é sobre a religião Umbanda, especificamente, que trata esta pesquisa, mas, sim, a partir dela, principalmente, sobre o movimento dela. A Umbanda atravessou meus estudos desde 2016, através da crença e também da pesquisa monográfica. Vinculada ao Observatório de Memória, Educação, Gesto e Arte (OMEGA), continuo agora nos estudos de mestrado dentro do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas, sob a orientação do Prof. Doutor Thiago Amorim.

O trabalho dissertativo final está em processo de finalização e irei compartilhar alguns momentos, meios e encruzilhadas que me fizeram chegar no processo de criação e produção artística da pesquisa de mestrado, que está vinculada à linha de pesquisa Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano.

### 2. GIRA METODOLÓGICA

O estudo é atravessado por um hibridismo teórico-metodológico que dialoga com as contribuições sobre corpo com GUALTER (2014), sobre a foto-performance com COSTA (2018), sobre a etnoperformance com SANTOS e BIANCALANA (2017), articulando-se com a autoetnografia com DANTAS (2017). A Umbanda transpassa esse estudo através do meu conhecimento como umbandista e pesquisadora, que vem sendo construído ao longo de minha trajetória, em sintonia com as contribuições de ROMÃO (2018).

Por ser uma pesquisa autoetnográfica, assumo meu pertencimento ao estudo, tal como refere a autora:

*Destaca-se o caráter particular da pesquisa etnográfica em dança, pois a etnografia da dança é única entre outros tipos de etnografia porque é necessariamente ancorada no corpo e na experiência do corpo, ao invés de basear-se em textos, artefatos ou abstrações. (DANTAS, 2016, p. 171)*

Em meio à Pandemia, os trabalhos espirituais dentro da gira de Umbanda estão parados por questões éticas e sanitárias. Com isso, o que ficou

cinesteticamente foram os aprendizados dos anos sendo filha de religião, umbandista e, para fins acadêmicos, pesquisadora desse contexto.

Realizei inúmeros processos de criações a partir de 2019/2 quando iniciou o processo da escrita. A etnoperformatividade foi o modo que passei a amadurecer o modo de ver/fazer a foto-performance, a qual teve diversas formatações e complicações devido às limitações da Pandemia do COVID-19.

Apropriando-me de um escrito de Costa (2018), refiro-me à foto-performance, uma vez que é o modo através do qual esse trabalho será apresentado artisticamente: “Neste caso, a fotografia é como um suporte privilegiado da performance em que o trabalho assume uma “performance fotográfica” (*idem*, 2018, p. 183). Assim foi elaborada a foto-performance, conectada especificamente para/com aquele lugar, contexto e narrativa.

O modo de criação não é linear ou tampouco inteiramente racional. Dentro do percurso metodológico-criativo, foram usados pontos cantados da Umbanda, improvisação, meditação, criação através de letra, através do meio, tendo a natureza como parte do fazer e a pesquisa como mediadora do processo.

### 3. PROCESSO ETNOPERFORMATIVO DURANTE A PANDEMIA COVID-19

A Umbanda é o terreiro desse estudo, portanto, cabe a mim explicar brevemente sobre este alinhamento religioso. Trata-se de uma religião brasileira, sincretizada no catolicismo, kardecismo e com grandes influências indígenas e africanas. Na sua raiz, é uma religião acolhedora das minorias e retrata isso nas linhas de trabalho representados pelos: Caboclos/as, Pretos-velhos/as, Exus e Pombogiras, Ibejis, Ciganos/as, e assim por diante.

Como foi idealizada e criada no Brasil, acredita-se que no dia 15 de Novembro de 1908 por Zélio de Moraes, ela carrega seu caldeamento da herança brasileira. “Se a miscigenação se deu na constituição do DNA brasileiro, é incontestável que a grande mistura de experiências interculturais e transculturais ajudaram – e ainda ajudam – a formar a diversificada paisagem cultural brasileira (inclusive, religiosa).” (ROMÃO, 2018, p. 361)

Faz parte dos rituais da Umbanda a incorporação de guias espirituais enviados de Orixás. Não acontece (obviamente) no processo artístico tal fenômeno; entretanto, como refere Marina Abramovic, temos que preparar nosso corpo, assim como preparamos para as giras do terreiro. Limpar a casa. Até mesmo aqueles *insights*, eles veem de algum lugar, mas acredito que está para além de uma certa racionalização.

Gualter (2014) vai trazer um olhar que soma ao meu pensamento:

E, nesse sentido, o encontro é também configurado nas diversas aproximações (incorporações) e afastamentos (desincorporações), todavia está para muito além desses momentos. Esse encontro “é” muito antes da incorporação e continua para além da desincorporação, gerando uma confluência de forças, onde o Corpo ganha novas grandezas e prossegue assim, acontecendo. (*idem*, 2014, p. 39)

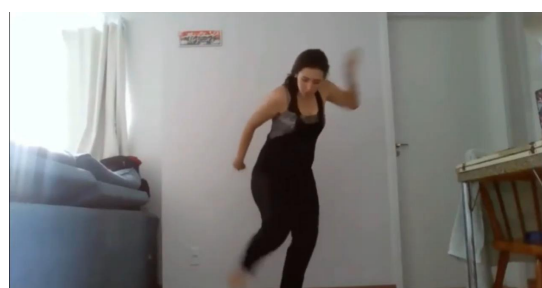
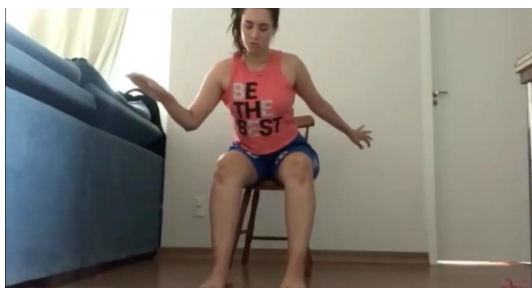
Quero ressaltar que, antes da Pandemia, minha ideia como produto final era fazer uma “ExposiAção”, como concebem Santos e Biancalana. Seria uma exposição do corpo, meus corpos, ele das diversas formas que pudesse ser apresentado, performado, presencialmente.

Considero que a criação não “vem de graça”, “do além” e “do nada”. Trata-se de um processo que exige muito trabalho, muita dedicação, para o *insight* do artista realmente acontecer, mas eu tenho uma sensibilidade que acredito ser também parte desse contexto estudado.

Quando o ano de 2020 iniciou, e com ele chegou a pandemia, meus estudos e experimentos práticos ficaram parados por algum tempo, até para saber como a Universidade lidaria com essa situação. Quando retomamos, já na modalidade remota, expliquei ao meu orientador que eu não estava me sentindo confortável com essa temática, por conta de inúmeras questões que acometiam e acometem este ambiente.

A partir de um movimento intenso de reflexão, apoiei minhas convicções em uma linha de pensamento que me ajudou a seguir com meu processo criativo, adotando a seguinte orientação: a Umbanda é uma religião brasileira, ela tem suas influências em alguns rituais, de diferentes etnias e leva nomes e fazeres afro-ameríndias, permanecendo, nesta diversidade, **brasileira**.

Passei então a enxergar meu processo de outras formas, e sob diferentes ângulos. O divisor de águas foi um vídeo dançando que elaborei para as redes sociais da Terreira que faço parte. Por consequência, eu passei a fazer o mesmo processo de criação na dissertação, pois finalmente depois de dias em casa, com pouco espaço físico e bloqueio criativo (imagens a seguir), eu voltei a criar. Foram dias de improvisação e criação em cima de pontos cantados que foram selecionados, um de cada linha da Umbanda. Nesse trabalho, ao invés de me mover externamente, eu procurei me mover internamente, e ali investigar possibilidades de sair ou não de dentro a movimentação.



*Figuras 1 e 2 - Processo criativo dentro de casa, acervo pessoal, 2020*

A partir de três movimentos iniciais que selecionei, fui improvisando a partir deles, já no local de ocorrência da performance, a fim de me conectar mais com aquele espaço (Cascatinha-RS). O ambiente escolhido é um lugar em meio à natureza, aproximando-me mais com a filosofia da religião e também por conta do necessário distanciamento social.

Com a necessidade de mais idas a campo (o que significava novos deslocamentos em meio à Pandemia), a ideia de performance em vídeo foi inviabilizada por questões de bandeira preta em todo estado do RS, em Abril e início de maio de 2021. Além da questão de bom senso, empatia e saúde, este cenário apontou pela inviabilidade de montar uma equipe para as gravações e assessoramento técnico do processo.

Refletindo sobre e pensando na solução desses contratemplos, a obra final foi pensada no formato de foto-performance, e a partir desse momento, modificou-se

novamente o andamento da pesquisa. Agora todo o movimento seria registrado de outra maneira, não haveria o som, mas imagem em corpo e sentido. E tal condição demandou a necessidade de adaptar todo o material e ideias já existentes.

#### 4. CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Considerando as consequências das criações e produções mencionadas brevemente aqui, o processo se encaminhou orientado pela produção artística de uma foto-performance como produção final da dissertação, denominada CORPUMBANDA, que será apresentada em três séries que estão sendo finalizadas neste momento. Embora fosse levado em consideração o processo de criação já realizado, reelaborando algumas das movimentações selecionadas, o improviso foi o diferencial e amadurecimento que a pesquisa precisava.

A ocorrência da Pandemia do COVID-19 foi crucial para o desenvolvimento deste trabalho, seja por conta das questões artísticas (e o modo como isso seria apresentado), seja pelas questões psicológicas que envolveram esses quase dois anos de isolamento social com as limitações de ir e vir.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, S; VOLPE, M e GARBIN, M. (org.). **Dança e tecnologia: Quais danças estão por vir?** Salvador: ANDA, 2020. *E-book* (152 p. ). ISBN 978 6587431 01 7 Disponível em: <https://portalanda.org.br/wp-content/uploads/2020/12/ANDA-2020-EBOOK-5-DAN%C3%87A-E-TECNOLOGIA.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2021.

An Art Made of Trust, Vulnerability and Connection | Marina Abramovic | **TED Talks**, TED, YouTube, Marina Abramovic, 2016. Online. (16min) Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=M4so\\_Z9a\\_u0](https://www.youtube.com/watch?v=M4so_Z9a_u0). Acesso em 27 abr. 2020.

CARVALHO, J.O. **Chagas Abertas: O corpo no ritual de Umbanda**. 2018. 145f. Trabalho de Conclusão de Curso (Dança Licenciatura) – Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

COSTA, G. L. Fotoperformance: o artista por trás da objetiva. In: CAPPA, 5, 2018, Goiás. **Anais COLÓQUIO PARA APRESENTAÇÃO DE PRODUÇÕES ACADÊMICAS**. Goiás: UFG, 2018. p. 182-187

DANTAS, M.F. Ancoradas no corpo, ancoradas na experiência: etnográfica, autoetnografia e estudos em dança. **Urdimento**, Porto Alegre, v 2, n 27, p. 168-183, 2016.

GUALTER, K.S. **Senhora da encruzilhada: perspectivas dialógicas da dança com o audiovisual campinas**. 2014. 202f. Trabalho para título de doutora em Artes da cena (Artes da Cena) - Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas.

ROMÃO, T. L. C. Sincretismo religioso como estratégia de sobrevivência transnacional e translacional: divindades africanas e santos católicos em tradução. **Trabalhos em Linguísticas Aplicadas**, Campinas, n (57.1), p. 353-381, jan./abr. 2018.